

# Editorial

Na sinopse do livro *Uma história das cores*, de Maria Carvalho (2013), diz-se que as várias famílias das cores estavam bem arrumadinhas na caixa das aguarelas. Mas, um dia, um pequeno acidente fez com que as cores se misturassem, diluindo-se na água. Esta mistura provocou uma nova ordem, e com isso, uma revolução de beleza, um autêntico banquete visual. Ora, sem água, as cores nunca se teriam misturado e nós teríamos ficados privados das sensações que cada nova cor nos traz. Sem a mistura das cores não teríamos acesso ao imaginário deste mundo novo, não teríamos conhecimento das cores primárias, secundárias, intermédias, terciárias, quaternárias, complementares... Nunca teríamos conhecido a influência das diferentes cores umas nas outras, não teríamos tido acesso a um novo mundo cultural e simbólico que se abriu e seu impacto sobre as nossas percepções.

Da mesma maneira diremos que sem a célebre tecnologia de prensa móvel, inventada por Johannes Gutenberg no século XVI, também não teríamos assistido à difusão-mistura (influência) das diferentes ideias pedagógicas. Sem a prensa móvel não teríamos chegado à imprensa pedagógica. Sem isso, os textos pedagógicos não teriam sido colocados a circular, não teria sido possível o encontro, o entrelaçamento que permite ao pensamento entrar em ressonância para criar novas possibilidades e fazer novas diferenças.

A imprensa pedagógica funcionou para a educação como a água para a mistura das cores. Sem a imprensa a pedagogia teria ficado na caixinha das aguarelas e cada um teria ficado arrumado, completamente alinhado na sua prateleira mental. A imprensa funcionou como célula hospedeira da atividade metabólica da pedagogia, tal como a água funcionou para a mistura das cores. Ela veio contribuir para a replicação da pedagogia, dando-lhe maior

diversidade, novas *nuances*, novas claridades, tornando-a mais inteligível. Que sentido podemos dar à pedagogia se adormecermos e fecharmo-nos num sono dogmático, se não admitirmos que a pedagogia não consegue realizar a sua peregrinação sem conhecer os fluxos de outras possibilidades? A pedagogia, como inquietação que visa a transcendência, é um conhecimento que busca e, para isso, precisa de liberdade não só para criar, mas também a responsabilidade de considerar o que já foi criado, precisa de liberdade não só para influenciar, mas também a abertura para ser influenciada, precisa de liberdade para criticar, mas também para ser criticada. E foi isso que a imprensa deu à pedagogia.

Desde que o homem é homem, ele nunca ficou satisfeito com aquilo que é. Sempre se rebelou contra qualquer tipo de conceito prévio. O homem não nasce feito, não está determinado, faz-se... com a educação. Por isso, sempre se verificou uma preocupação sobre como aperfeiçoar o desenvolvimento humano, como devemos ajudar-cuidar da criança a atingir a sua autonomia. De tal modo um pouco de tudo já foi pensado, experimentado e criticado, que se hoje espremermos tudo isto é difícil dizer que fazemos algo de original. A pedagogia carrega esta sabedoria das inúmeras experiências realizadas por todo o mundo, concebidas e teorizadas por inúmeros autores filiados em diferentes escolas. Mas este manancial de conhecimentos e experiências teriam ficado desconectados, ignorando-se uns dos outros se não tivesse emergido essa força poderosa que é a imprensa pedagógica. Foi a imprensa que teve a capacidade de ultrapassar um pensamento local e nos projetar num pensamento global. A imprensa ajudou-nos a pisar o chão da pedagogia de outra maneira porque ao difundir o conhecimento promoveu um grande sismo entre as diferentes territorialidades pedagógicas, gerando-se uma desterritorialização-reterritorialização, o que possibilitou novas geometrias, novas configurações, novos entendimentos. Uma coisa é o movimento vibratório gerada pelos diferentes autores considerados isoladamente, outra coisa é a magnitude do efeito vibratório produzido pela força da agitação das diferentes vozes que a imprensa conseguiu reunir e pôr a falar. Da controvérsia de todas estas vozes surgiu uma constelação de novas cores possíveis.

A pedagogia também foi feita com a cores do pensamento. Na teoria das cores trabalha-se a relação entre a cor e a luz. Nesta teoria, a cor é uma propriedade da luz e não dos próprios objetos. Para nós, a cor das diferentes perspectivas pedagógicas é dada pela luz com que olhamos para os diferentes autores. E a luz é conseguida através da difusão de ideias, do debate, das controvérsias. Precisamos do confronto de ideias, de visões interdisciplinares, pois a educação não pode ser pintada a uma só cor. Precisa da mistura do diálogo que a imprensa proporciona. A educação precisa de uma visão estereoscópica e isso só se consegue com a ajuda da imprensa pedagógica. Foi ela que criou esta vontade de criar. Por tudo isto, a *Revista Lusófona de Educação* (RLE) quis, neste número, homenagear a imprensa pedagógica dedicando

o seu dossier a esta problemática. O dossier foi magistralmente coordenado por José María Hernández Díaz (Universidade de Salamanca), Alesia Cachazo Vasallo (Universidade de Salamanca), Álvaro Nieto Ratero (Universidade Isabel I/Universidade de Coimbra-CEIS20) e Pedro Seguro Romero (Universidade de Salamanca/Universidade de Coimbra/ Universidade de Leão).

A revista abre com o artigo de Joaquim Machado de Araújo denominado *Equipas educativas e potentia agendi na escola*. Para o autor, a equipa educativa, enquanto base de organização pedagógica, surge em tempo de esperança na democratização do ensino e na regeneração da escola inspirando experiências escolares que induzem a sua admissão em sede legislativa como opção das escolas. O estudo que leva a cabo é de natureza qualitativa. Analisa o texto legislativo como discurso do legislador, enuncia possíveis significados da expressão e identifica a base de organização do processo de ensino em que se insere essa possível figura organizacional da escola. Adotando uma perspetiva de complementaridade da ideologia e da utopia, reconhece e problematiza o reforço do valor simbólico do conceito pela conjugação de conceitos também polissémicos, como os de autonomia e trabalho colaborativo.

O segundo artigo, da autoria de Arias Ortega Katerin Elizabeth e Carlo Prévil com o título *Défis de l'évaluation de l'apprentissage dans la pratique accompagnateur-accompagné: cas de l'éducation interculturelle bilingue au Chili*, centra a sua análise no programa de educação intercultural bilingue (IBE) no Chile que é ministrado por uma díade pedagógica composta por um diretor e um educador tradicional (Sage). O estudo destaca os desafios da educação informal na prática acompanhada desta díade. Partindo de uma exploração baseada na teoria social cognitiva, este artigo explora as questões conceptuais e metodológicas da formação decorrentes das inter-relações entre esses agentes educativos. Os autores conceptualizaram um instrumento de questionário (QEIB) capaz de ajudar a avaliar o estado da formação emergente do contexto de relação de apoio, o que pode ajudar a definir e caracterizar os conceitos (acompanhante e acompanhado), as dimensões (formas de relacionamento, cooperação e liderança) e os contextos (profissional, interpessoal, didático e sociocultural) desta formação.

O terceiro artigo, da autoria de Alcício Rodrigues da Silva Neto, aborda *O desenvolvimento cognitivo a partir dos cenários educacionais do século XXI: reflexões sobre ensino e aprendizagem*. Com este estudo, o autor visa compreender o desenvolvimento cognitivo a partir dos cenários educacionais do século XXI no que concerne o ensino e aprendizagem. Este estudo traz como problematidade a conceção de educação no século XXI face à sociedade digital, compreendendo que os trajetos da aprendizagem são singulares e significativos. É uma pesquisa teórica no campo da Educação, que nos traz provocações interessantes para refletirmos sobre ensino e aprendizagem.

Ana Salomé de Jesus, Cristóvão Margarido, Eva Torrecilla Sánchez e Ricardo Pociño abordam *O papel da educação social na promoção de competências socioemocionais em contexto escolar*. Partindo das vivências, pessoais e sociais, estabelecem uma ligação intrínseca entre as competências sociais e as competências emocionais. Os autores referem que vários estudos têm demonstrado que o desenvolvimento de competências socioemocionais é fundamental para a adaptação das crianças às exigências da sociedade. Consideram que a escola é um contexto fundamental para o desenvolvimento dos alunos, sendo por isso crucial que esta assuma a responsabilidade de dar resposta não apenas às necessidades académicas dos alunos, mas também às suas necessidades socioemocionais. Neste sentido, a Educação Social deve assumir um papel essencial no contexto educativo e o educador social deve, neste contexto, adotar um espírito colaborativo, interdisciplinar e de capacitação de toda a comunidade educativa no âmbito das competências socioemocionais. É neste sentido que é apresentado o projeto *Sentir@Ser*, desenvolvido por uma educadora social em contexto escolar e que visa a promoção de competências socioemocionais através de práticas de *Mindfulness*. O *Sentir@Ser* é destinado a alunos desde a educação pré-escolar até ao 9º ano do ensino básico.

O artigo, *A leitura literária no livro didático: limitações e potencialidades na formação de professores*, da autoria de Jeanne Sousa da Silva, Maria Gonçalves e Esmeralda Santo, tem como objeto de estudo o livro didático, na perspetiva da Teoria da Receção (Jauss, 2004). Este estudo visa investigar a abordagem dos textos literários existentes no ‘manual do educador’ e saber de que forma a sua composição textual favorece a formação do leitor. Com esta investigação, concluiu-se que o “manual do educador” é uma ferramenta importante na formação de professores e que os textos literários, contidos no livro didático, promovem a criação de hábitos de leitura e a formação de leitores aptos a experienciarem o prazer estético e artístico da obra literária.

No artigo, *Les apprentissages scolaires à l'épreuve des processus identificatoires*, Laurent Zoungrana apresenta-nos um estudo de caso, focado em Nascer, um rapaz de 7 anos, vivo e enérgico. Esta criança tem diversos problemas de comportamento: não reconhece os seus erros e rejeita qualquer observação sobre a sua conduta pois, na sua perspetiva, a culpa é sempre dos outros. O estudo mostra que o comportamento de Nascer afeta e dificulta as aprendizagens escolares.

Teresa Carneiro, Amélia Figueiredo, Clara Viana e Helena Melo assinam o artigo *A experiência da maternidade e ser estudante: scoping review* com o objetivo de mapear o conhecimento disponível na literatura científica sobre as experiências vividas pelas mães enquanto mães-estudante. As autoras recorreram sobretudo à pesquisa bibliográfica, realizada em bases de dados via EBSCO, sem limites linguísticos, de publicações nos últimos cinco anos. Com esta investigação, as autoras concluíram que a conciliação entre a maternidade e a vida académica é um enorme desafio, pois

as mães estudantes enfrentam diversas dificuldades devido aos seus múltiplos papéis que desempenham no seu quotidiano.

Na secção Recensão, Ariana Cosme analisa criticamente a obra *O professor investigador em comunidades de prática*, da autoria de Luís Mestre. O livro, publicado em 2023, resultou da tese de doutoramento do autor e evidencia o contributo do Movimento da Escola Moderna Portuguesa (MEM) para se pensar as possibilidades de se reinventar a profissão docente. Para o autor, a possibilidade dos professores se assumirem como investigadores decorre do ensino de se afirmarem como construtores do conhecimento profissional que lhes diz respeito, através do seu envolvimento em comunidades de escrita. A obra aborda um tema pertinente e atual, convocando a escrita, como instrumento de formação, no âmbito de um processo investigativo dos professores sobre as suas práticas.

Anabela Freitas e Hélia Bracons apresentam uma significativa *metanálise* sobre reações críticas académicas, científicas e literárias, relevando um conjunto de aspetos a ter em linha de conta na elaboração de uma recensão e que se constituem como atributos essenciais do recensor, para uma leitura e reflexão crítica de qualquer obra: rigor, objetividade, imparcialidade, clareza, evidência e também delicadeza.

Por fim, no cumprimento de uma das rubricas da política editorial da *Revista Lusófona da Educação*, divulgam-se, neste número, alguns resumos de Teses e Dissertações defendidas no Instituto de Educação da Universidade Lusófona -Centro Universitário de Lisboa.

## Referência

Carvalho, M. (2013). *Uma história das cores*. Nova Vega.

**António Teodoro**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7819-0498>

**José V. Brás**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0374-748X>

**Maria Neves Gonçalves**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2531-4618>

**Lucimar Dantas**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3804-1903>